

Apresentação

Quase bons tempos em que discutíamos se havia uma onda conservadora! Não que tenha simplesmente “chegado ao” Brasil. Veio de dentro e de fora, em meio a determinações de um processo de transnacionalização do capitalismo que se acelerou enormemente nestas décadas neoliberais que já ultrapassaram os “30 gloriosos” anos do pós-Guerra. No início, cantilenas sobre liberdade individual *versus* Estado. Agora, escrachadamente contra o povo. Problema: com apoio ativo ou passivo de boa parte do povo.

Talvez seja este o ponto mais espesso desta neblina que turva o olhar para os horizontes emancipatórios em um complicado início de século XXI, rápido em desenvolvimento das forças produtivas e lento no plano sociopolítico.

Nos primeiros 19 anos do século XX, ocorreu uma Guerra Mundial; eclodiu uma revolução, a bolchevique, de fortíssimo impacto; e, na então longínqua China, um movimento – o do 4 de Maio de 1919 – sintetizou quase todas as grandes lutas sociais desencadeadas ao longo do que Hobsbawm considerou o “breve século XX”. Lá mesmo, triunfou, em 1949, uma revolução que teria o campesinato como impressionante força motriz. Campesinato que também foi presença forte na Revolução Mexicana, em curso desde 1910.

Este novo século, também desatento à mera cronologia, será ainda mais breve do que o anterior? Os textos do presente dossiê são como olhares na neblina antes que a noite venha. Tentativas de discernir o que vem pela frente em tempos confusos nos quais tudo o que é velho se disfarça de novo.

Longe de anúncios apocalípticos como as que diversas pós-modernices costumam nos brindar em relação a um presente disforme (pós-classes/estado/imperialismo etc.), o que bloqueia qualquer perspectiva de futuro, a análise de processos ideológicos pode se beneficiar com o recurso aos estudos de hegemonia. Attila Melegh escreve sobre a ofensiva nacionalista antiliberal na Hungria, processo que remonta aos anos 1990, mas que é praticamente desconhecido no Brasil. O artigo se volta para a produção discursiva entranhada na montagem da classe de transição de um sistema a outro naquele país. Iside Gjergji aborda a gestão das migrações internacionais com ênfase no processo de expansão do modelo *Toyota* de governança corporativa para o âmbito das instituições políticas, o que contribui para uma escalada de autoritarismo de novo tipo. Zulene Barbosa, a partir de seu estágio de pós-doutorado em Portugal, analisa as políticas de austeridade implementadas pelo governo luso no terceiro quinquênio deste século,

em um cenário de crise econômica agravada pelo reajuste financeiro imposto por um dos baluartes do neoliberalismo, a Troica. Maria Carlota Coelho e Silvia Moreira Trugilho recorrem mais diretamente às contribuições gramscianas para a teoria política e exploram diversas facetas do conceito de hegemonia para debaterem sobre o movimento dos trabalhadores da saúde no Brasil. Claudete Pagotto examina as ambiguidades e contradições que atravessam as cooperativas na atual fase do capitalismo e retoma o debate sobre suas possibilidades de produzirem, sob a ordem do capital, relações sociais novas.

Frank Gaudichaud abre o foco e analisa a ofensiva conservadora contra governos de esquerda e centro-esquerda na América Latina. Diego Batista Rodrigues de Oliveira e Eliel Machado incorporam formulações teóricas deste segundo autor ao estudo de dois movimentos de direita no Brasil: o *Vem Pra Rua* e o *Movimento Brasil Livre*. Jair Pinheiro explora a relação entre o golpe de 2016 e os retrocessos impostos à Constituição de 1988; e defende a hipótese de que desde o início do golpe se prenunciava uma guerra às classes trabalhadoras. Samantha Camacam, Letícia Ribeiro e Juliana Pasqualini apresentam uma avaliação das perspectivas das lutas de mulheres após o golpe de 2016 e examinam as potencialidades do *Movimento Ele Não*.

Dois artigos ocupam lugar à parte no dossiê. José Rubens Mascarenhas de Almeida e Daniel Santos Mota iniciam uma aventura na busca de paralelos e afinidades entre dois livros clássicos do século XX e os dispositivos de opressão e controle que penetram em todos os poros da sociabilidade hoje. Alain Bihl divisa um caráter predominantemente transformador no movimento dos *Coletes Amarelos*, na França, que muitos agrupamentos de esquerda consideram conservador ou mesmo reacionário. Em razão da importância que atribui ao movimento, o autor abre mão de um academicismo confortável e chega a propor rumos e formas de atuação para que este se consolide e não se esgote em impasses.

Fora do dossiê, três artigos. Fábio Mascaro Querido aborda as relações entre a visão de romantismo adotada por Michel Löwy e as concepções deste autor acerca da modernidade e do marxismo. Gabriel Teles destaca a importância do *Cordobazo* na luta contra a ditadura argentina no final dos anos 1960. Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida discute as conceituações de burguesia interna e burguesia nacional e faz um cotejo dos processos históricos brasileiro e chinês na primeira metade do século XX.

Instigantes resenhas, escritas por Roberto Bitencourt da Silva e Antonio Paulino de Sousa, encerram este número de *Lutas Sociais* que, como sempre, está aberto a críticas.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida
Editor